

FORMAÇÃO DOCENTE EM COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA PARA A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Francisca Marta Araújo da Silva¹

Resumo

A Comunicação Não-Violenta (CNV), proposta por Marshall Rosenberg na década de 1960, constitui uma abordagem relacional centrada na empatia, na escuta ativa e na expressão autêntica de sentimentos e necessidades humanas (Rosenberg, 2006). No contexto educacional, a CNV configura-se como uma ferramenta transformadora das relações de ensino e aprendizagem, promovendo o diálogo e o respeito mútuo como fundamentos da convivência escolar. Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira a CNV pode contribuir para a formação docente e para a construção de ambientes de aprendizagem mais humanizados nos anos finais do Ensino Fundamental. Conforme Menezes *et al.* (2023), ao integrar essa abordagem ao cotidiano escolar, é possível fomentar a resolução pacífica de conflitos e o fortalecimento de uma cultura dialógica e democrática, em que as diferenças são reconhecidas como oportunidades de aprendizagem. Assim, a CNV permite à escola transcender um ensino meramente conteudista, favorecendo o desenvolvimento de sujeitos sensíveis às dinâmicas sociais e preparados para atuar em uma sociedade plural.

A justificativa deste estudo baseia-se na necessidade de promover, no âmbito da escola básica, práticas pedagógicas que estimulem o desenvolvimento socioemocional e a mediação pacífica de conflitos, diante de um cenário em que as tensões nas relações interpessoais se intensificam. A violência verbal e emocional nas escolas é recorrente e compromete a qualidade do processo de aprendizagem. Em consonância com as diretrizes da BNCC (Brasil, 2017) e com os princípios da educação integral, este trabalho busca contribuir com reflexões e práticas voltadas à formação de sujeitos autônomos, críticos e cooperativos.

A pesquisa adotou uma abordagem mista, organizada em três etapas: (1) estudo da obra de Marshall Rosenberg *Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*; (2) análise de documentos normativos nacionais que tratam das competências socioemocionais e da convivência escolar; e (3) aplicação de um questionário diagnóstico a 20 professores da rede estadual de ensino de uma cidade do sertão da Paraíba, com o objetivo de identificar percepções e práticas relacionadas à CNV. O instrumento contou com quatro perguntas principais: (1) Você já ouviu falar sobre Comunicação Não-Violenta? (2) Você considera que a CNV pode contribuir para melhorar o ambiente escolar e as relações entre alunos e professores? (3) Com que frequência você utiliza estratégias de escuta ativa e empatia nas interações com os alunos? (4) Você se sente preparado(a) para aplicar a CNV como metodologia de mediação de conflitos em sala de aula?

Os resultados indicaram que 80% dos docentes reconhecem a CNV como uma abordagem capaz de melhorar significativamente o ambiente escolar, embora apenas 10% se considerem plenamente preparados para aplicá-la. A maioria (55%) declarou sentir-se parcialmente preparada, evidenciando uma lacuna formativa. Além disso, 45% afirmaram conhecer o conceito apenas de forma teórica, enquanto 20% desconhecem o tema, o que reforça a necessidade de inseri-lo nos programas de formação continuada. Quanto às práticas

¹ Graduada em Letras Português e Inglês. Especialista em retórica e oratória da língua portuguesa. Professora de língua portuguesa. Email: francisca5marta@gmail.com



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



cotidianas, 40% dos professores afirmaram empregar frequentemente estratégias de escuta ativa e empatia, e 45% apenas às vezes, sugerindo que tais recursos ainda não são utilizados de modo sistemático. Apesar disso, 80% reconhecem a CNV como instrumento essencial para a construção de relações mais cooperativas e respeitadas no ambiente escolar.

A análise dos dados evidencia que a ausência de formação continuada em Comunicação Não-Violenta (CNV) compromete a consolidação de práticas pedagógicas humanizadoras, pois o conhecimento teórico isolado não garante mudanças efetivas na cultura escolar. Segundo Monteiro et al. (2020), a CNV demanda um processo de internalização que ultrapassa o domínio de técnicas comunicativas, exigindo reflexões sobre as próprias emoções e crenças dos educadores. Dessa forma, a lacuna formativa identificada entre os professores participantes reforça a necessidade de programas institucionais que articulem teoria e prática, integrando a CNV às ações pedagógicas e às políticas de convivência escolar. A formação docente, portanto, deve contemplar experiências de sensibilização e práticas colaborativas que fortaleçam a escuta, o diálogo e o reconhecimento mútuo.

Além disso, os resultados sugerem que a inserção da CNV na rotina escolar pode contribuir para a prevenção de conflitos e a promoção de um clima emocionalmente saudável, em consonância com os princípios da educação integral e com o ODS 4, que defende uma educação inclusiva e de qualidade. A presença de professores conscientes de seus próprios sentimentos e empáticos diante das necessidades dos estudantes favorece a criação de ambientes mais acolhedores, nos quais o erro é entendido como parte do processo de aprendizagem. Assim, a CNV se mostra não apenas uma estratégia de mediação, mas um alicerce para práticas pedagógicas transformadoras, que estimulam o desenvolvimento socioemocional e a construção de relações baseadas na confiança e no respeito mútuo.

Conclui-se que a CNV não se restringe a uma técnica comunicativa, mas representa uma ética das relações humanas e um caminho para a efetivação de práticas pedagógicas humanizadoras. A formação docente fundamentada na CNV potencializa a escuta, o diálogo e a empatia, favorecendo um ambiente escolar mais democrático, inclusivo e sensível às diferenças. Os resultados da pesquisa reforçam a urgência de investir em formações que preparem o professor para atuar como mediador de conflitos e promotor de uma cultura de paz no espaço educativo.

Palavras-chave: Comunicação Não-Violenta. Educação. Humanização.

Referências



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



ALMEIDA, R. B. A Importância do Estudo das Linguagens para a Comunicação Não Violenta. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 5, n. 4, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i4.1304. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1304>. Acesso em: 26 out. 2025. Acesso em: 3 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 ago. 2025..

MENEZES, Ana Laura Costa; COSTA, Jacqueline Denubila; CORDEIRO, Larissa Martins; LIMA, Márcia Helena de. Contribuições da comunicação não-violenta no ensino superior/Contributions of non-violent communication in higher education. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 1575–1590, 2023. DOI: 10.47222/2526-3544.rbtto48603. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/48603>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MONTEIRO, L. S. .; KYOTOKU, J. F. .; RIBEIRO, B. .; PINTO, C. T. .; BRAZ, F. F. .; ROCHA, S. B. da . A importância da comunicação não violenta (CNV) nas organizações públicas. *Revista Femass*, [S. l.], v. 2, n. 2, 2020. DOI: 10.47518/rf.v2i2.23. Disponível em: <https://revista.femass.edu.br/index.php/femass/article/view/23>. Acesso em: 26 out. 2025.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**

